

MARCADOR NEGATIVO FINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

HELY D. CABRAL DA FONSECA
(UNICAMP)

ABSTRACT *This study analyses the final negative marker in Brazilian Portuguese (BP), trying to find for such a phenomenon an adequate explanation within the theoretical background adopted - the Principle and Parameters Theory and its updated research on negation.*

Key-words Principles and Parameters (PP); negation; final negative marker.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do fenômeno da negação no PB procurando explicar, através da teoria de sintaxe gerativa, a presença do marcador final negativo no português brasileiro¹. Em Torres Morais (2001) encontramos expresso de forma bastante elegante o fato de que a negação sentencial no português é pré-verbal:

“No português moderno as sentenças negativas exibem como propriedade marcante a negação sentencial ou predicativa expressa com o elemento ‘não em posição pré-verbal, independentemente da valência e finitude verbal, tipo de sentença – principal/subordinada – e modalidade frasal: sentença declarativa, interrogativa, imperativa.” (Torres Morais, 2001: 2)

Esse posicionamento do marcador pré-verbal pode ser verificado no exemplo abaixo:

(1) *Não* vi o filme.
(Neg V)

A concordância negativa (CN) ao mesmo tempo em que mantém o marcador pré-verbal no PB, vale-se da presença de uma palavra negativa (palavras-n) do tipo *ninguém*, *nada*, *nenhum*, caso em que o marcador e a palavra-n entram em uma relação de concordância, quando de dois itens negativos apenas uma negação se obtém. Vejamos o posicionamento de Negrão et alli (1999) sobre a CN:

“... Os fatos da distribuição dos itens negativos **nada**, **nenhum**, **ninguém**, **nunca**, **jamais**, revelam que, se dois destes constituintes negativos aparecem na sentença ou se coocorrem com o operador negativo **não**, nos contextos relevantes, eles não cancelam um ao outro, mas continuam, em conjunto, a expressar uma negação única”.

¹ No anexo 1 o leitor encontrará uma lista das abreviaturas utilizadas nesse trabalho.

(55) mas até hoje ninguém descobriu nada ...

Este fenômeno, também encontrado em várias línguas românicas, entre elas, o italiano, francês e espanhol, tem sido denominado na literatura recente de *concordância negativa...*” (Negrão et alli, 1999:13).

Os exemplos abaixo são casos de CN no PB:

(2) *Não vi nada.*

(3) *Não vi ninguém.*

(4) *Não fez nenhum esforço.*

Neg V palavra-n

Os exemplos em (5) serão alvo de considerações na seção 6 deste trabalho.

(5) a. *Não vi não.*

b. *Vi não.*

c. *Não vi nada não.*

d. *Vi nada não.*

2. O PROBLEMA

Encontramos, nos exemplos a seguir, uma estrutura [V + palavra-n], doravante [V NEG], que é diferente da ordem canônica esperada em construções de CN do PB:

(6) Tem *ninguém* no chat ... (página da Internet/Brasnet, 3.10.00)

‘*não* tem ninguém no chat’

(7) Experimente usar *nada*. (revista Caras, n° 44, 3.11.00)

‘experimente *não* usar nada’

(8) ... jogar futebol ou fazer *nada*. (Folha de São Paulo, 03.00)

‘... ou *não* fazer nada’.

(9) Pratico *nenhum* esporte. (Projeto Nurc/RF-D2, 158:48)

‘*Não* pratico nenhum esporte’

(10) Eles estão dizendo que sobrou *nada*. (Hernandes/Galvão/99)

‘que *não* sobrou nada’

Nos exemplos de (6 a 10) a inexistência do *não* pré-verbal contraria a classificação do português como língua de negação pré-verbal. Considerando que a estrutura [V NEG] está começando a aparecer em registros escritos no PB, e considerando, também, que as mudanças ocorrem primeiramente na fala, para mais tarde surgirem na escrita, podemos aventar a possibilidade de estarmos registrando um processo de mudança lingüística. Procurando determinar a época do surgimento dessa mudança é que fomos consultar dados do Português Antigo.

A estrutura (V NEG) de (5b) vem sendo considerada como de uso comum no nordeste do Brasil (Miotto, 1991, Furtado da Cunha, 1996). No entanto, nosso estudo atesta a presença dessa estrutura em documentos escritos em outras regiões do Brasil.

3. CORPORA

Lembramos que esse trabalho tem sua base nos estudos de sintaxe da teoria gerativa, e que estamos, portanto, verificando ocorrências de fatos linguísticos, não sendo relevante o cálculo de percentuais desses fatos.

Os dados de língua oral foram extraídos do projeto Nurc e os de língua escrita foram extraídos do jornal *A Folha de São Paulo* (março - julho/2000), trechos de textos do ‘chat’ da internet (ano 2000), revistas brasileiras *Cláudia*, *Caras*, e *Veja* no período de julho a dez/2000 e registros do projeto *Português Fundamental**, publicado pela Universidade de Lisboa (1987). Em um segundo momento, após termos constatado a existência do fenômeno na escrita, com o objetivo de, diacronicamente, tentar determinar o surgimento da estrutura estudada, consultamos dados de língua escrita do português antigo (PA): textos do *corpus* Tycho Brahe (Usp/Unicamp)**, do projeto Prohpor (UFBA) e de jornais brasileiros antigos ***. Não estamos quantificando os dados pelo fato de serem as ocorrências em número ínfimo, que seriam desprezados por programas de análise de dados como o Varbrul, por exemplo.²

4. AS PERGUNTAS

Face à estrutura [V NEG] encontrada nos exemplos 6 a 10 acima, podemos formular algumas indagações com relação à estrutura observada:

4.1. O fenômeno estudado ocorre em outras línguas?

4.2. Como explicar a estrutura [V NEG] no PB?

5. QUADRO TEÓRICO

A Teoria Gerativa (Chomsky, 1965) vem propondo análises para o fenômeno da negação. O Modelo Princípios e Parâmetros (PP) (Chomsky, 1981) apresenta dois momentos em seu desenvolvimento: 1) Regência e Ligação; e 2) Minimalismo (Chomsky,

* Os dados do PE estão no volume II, da série *Português Fundamental*, do Tomo primeiro. É uma publicação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

** O *corpus* Tycho Brahe está disponível na rede em <http://www.ime.usp.br/~thycho/corpus/acess.html> e faz parte do projeto “Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística”, coordenado pela Profa. Charlotte Galves, Unicamp.

*** Agradecemos à Profa. Ilza Ribeiro por ter possibilitado nosso acesso aos dados do PA.

² Para saber sobre a quantificação da negação final no PB, remetemos nosso leitor para o trabalho de Furtado da Cunha (1999). Para saber sobre os tipos de negação no PB remetemos nosso leitor para Mioto (2001). Para informar-se sobre a história da negação na língua portuguesa remetemos nosso leitor para Torres Morais (2001).

Aqui defenderemos a hipótese segundo a qual o PB dispõe de um não clítico que acompanha o verbo, elemento que não deve confundido com o não que pode aparecer isolado. "...O argumento principal é de ordem fonológica: ... não pode ser pronunciado /num/ sem que isso implique degradação ou melhora na aceitabilidade dos exemplos."

(Figueiredo Silva, 1996:56)

Vamos admitir que o *não* clítico, pode, em contextos apropriados de CN, como nos exemplos de (6 a 10) sofrer processo de apagamento, como aconteceu com o 'ne' do francês.

Em francês moderno, *ne* não pode negar uma sentença, embora haja casos residuais de *ne* como operador de negação, *ne* co-ocorre com outro elemento negativo, por exemplo *pas*. A maneira de ver *ne* e *pas* como núcleo e especificador de uma mesma projeção funcional oferece a vantagem de capturar o fato de que, juntos, eles expressam somente uma situação de negação: um caso de CN similar ao que ocorre no PB.

(12) Je ne vais pas. (francês padrão)

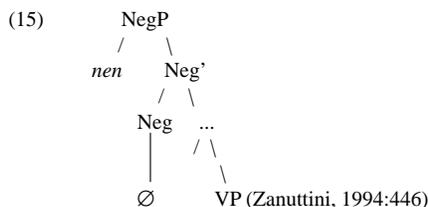
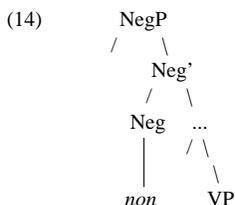
Neg V NEG

(13) Je vais pas. (francês coloquial)

V NEG

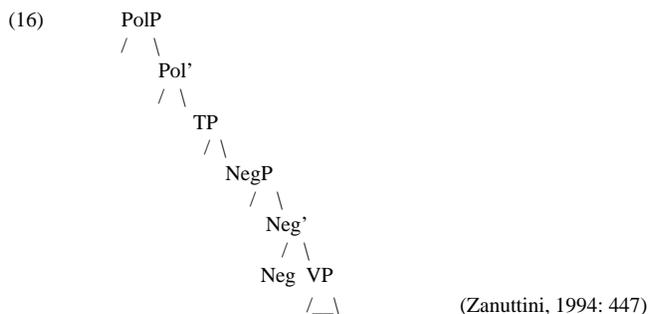
Zanuttini (1994) propõe manter a idéia das propostas de Pollock (1989) e Belletti (1990), ou seja: que nas línguas Românicas os marcadores negativos podem ser vistos como projetados em NegP e que as diferenças superficiais são resultados de movimentos. Ambos os marcadores pré e pós-verbal, nessa proposta, são gerados em alguma projeção funcional mais baixa que aquela que é o local de pouso do verbo finito.

A proposta de Zanuttini é a seguinte: os marcadores negativos nas línguas romance ou são elementos X^o que projetam uma categoria funcional NegP, ou são elementos XP que ocorrem no especificador de NegP, com um Neg^o vazio. Os diagramas abaixo ilustram esses dois casos; *non* do italiano é o núcleo de NegP, enquanto *nen* do piemontês é um XP, que ocorre no especificador de NegP.



Ao lado da projeção em que os marcadores negativos são gerados na base, uma outra projeção é relevante para a interpretação das sentenças: a projeção PolP (Polarity Phrase), em que esses marcadores são interpretados. Todos os marcadores negativos serão interpretados em PolP. As diferenças existentes entre as línguas com respeito à posição de superfície dos marcadores negativos derivam do fato que, em certas línguas, os traços de PolP devem ser verificados antes do *Spell-out*, enquanto em outras eles podem ser verificados em LF. Em uma língua como o piemontês, por exemplo, que tem traços

negativos fracos, o marcador negativo não se move antes do *Spell-out*, devido ao princípio de procrastinar, mas subirá em LF. Como se vê a seguir, na árvore de número (16), está a representação proposta por Zanuttini para a negação nas línguas românicas:



De acordo com Zanuttini as línguas que expressam negação sentencial por meio de um marcador negativo pré-verbal, através de itens que expressam a negação por si sós, são aquelas com traços fortes, que requerem a verificação de traços aconteça antes do *Spell-out*. Traços fortes forçam o movimento visível. Há duas formas em que os traços de PolP podem ser verificados antes do *Spell-out*:

(A) movimentando o marcador negativo para o núcleo de PolP, como no caso exemplificado abaixo:

- (17) a. Maria *non* lavora qui. (italiano)(Zanuttini, 1996:16)
 b. Maria *não* trabalha aqui. (português, tradução nossa)

(B) tendo um indefinido negativo no especificador de PolP, de tal forma que a configuração de concordância núcleo/especificador acontece. Este é o caso em que um elemento negativo que é X-max se move para o especificador de PolP, como nos exemplos abaixo:

- (18) a. Nessuno há detto niente. (italiano). (Zanuttini, 1994:449)
 b. Ninguém disse nada. (português, tradução nossa).

Adotarei aqui a proposta de Zanuttini (1994) no sentido de que NegP pode ser gerado em diferentes posições na base, mas que os traços negativos serão interpretados em PolP, ou na sintaxe aberta, ou em LF

5.2. NegP, parâmetros e c-seleção

Existiria um só parâmetro para determinar a negação em todas as línguas? Quando comparamos as conclusões de autores que estudaram a negação, observamos que há concordância em um ponto: NegP é postulado como categoria presente em todas as línguas

examinadas. Porém, quanto a que item lexical pode ocupar o núcleo e o Spec dessa categoria, e quanto a qual categoria Neg^oc-seleciona os autores têm propostas diferentes.

Podemos observar, no quadro abaixo, que os pesquisadores concordam quanto ao preenchimento da posição de núcleo e Spec de Neg em francês. Porém discordam quanto a que complemento Neg c-seleciona. Para Pollock (1989) Neg seleciona AgrPs (Agreement Phrase), para Belletti (1990) e Ouhalla (1991) Neg seleciona TP (Tense Phrase), e para Zanuttini (1997) Neg seleciona VP (Verb Phrase).

Francês	Núcleo	Spec	Complemento
Pollock (1989)	ne	pas	AgrPS
Belletti (1990)	ne	pas	TP
Ouhalla (1991)	ne	pas/adv	TP
Zanuttini (1994)	ne	pas	Aux/VP

Já quando se trata da língua inglesa, os autores têm diferentes posições, sendo que só Zanuttini (1994) vai atribuir *status* diferente para o *n't* e o *not*. Quanto ao complemento que Neg c-seleciona Ouhalla (1991) e Zanuttini (1994) concordam em parte, como mostra o seguinte levantamento:

Inglês	Núcleo	Spec	Complemento
Pollock (1989)	vazio	not	AgrPs
Ouhalla (1991)	non	vazio	AgrP/TP
Zanuttini (1994)	n't	not	TP/VP

Com relação à língua italiana, vemos que as autoras estão de pleno acordo sobre *non* ocupar o núcleo de NegP, no Spec vai um advérbio, e Neg toma TP como seu complemento.

Italiano	núcleo	Spec	Complemento
Belletti (1990)	non	adv	TP
Zanuttini (1994)	non	adv	TP

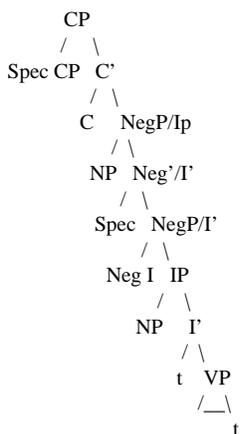
Contrariamente a Pollock (1989) e Belletti (1990), que não mencionam que parâmetro estaria envolvido na questão da negação, Ouhalla (1989) afirma que haverá variação paramétrica a depender do tipo de operador que as línguas têm, se afixal ou não, o que iria determinar qual categoria NegP c-seleciona como complemento. Zanuttini (1996) vai optar pelos dois tipos de NegP, NegP1 para as línguas que apresentam negação sentencial pré-verbal e NegP2 para as línguas que apresentam negação pós-verbal. Nesse ponto, se aproxima de Ouhalla, porque na verdade a autora está postulando diferentes parâmetros para diferentes casos, embora ela não mencione a variação paramétrica, está claro que dois NegPs atestam essa variação.

Assim, percebemos que, em relação aos parâmetros não há uma posição uniforme dos autores. Ouhalla (1991) afirma que diferentes estruturas na sintaxe visível da negação revelam variação paramétrica entre as línguas. No caso do PB, classificado como língua

de negação pré-verbal, mas que também apresenta um marcador negativo em posição final, parece haver uma variação paramétrica tal como previsto por Ouhalla.

5.3. A negação no português brasileiro

Mioto (1991), na sua tese sobre a negação, apresenta a seguinte representação para o Português Brasileiro (PB):



(19) João não visitou a Bahia.

(Mioto, 1991)

Podemos observar que Mioto (1991) propôs um núcleo complexo NegP/IP para a representação da negação em português. Ocorrências do tipo (20) abaixo foram mencionadas por Mioto como negação de “reforço”; do tipo (21) como resposta negativa a perguntas; e (22) como uso regional do nordeste brasileiro.

(20) Ela **não** veio **não**. (Neg V NEG)

(21) F1: Ele veio?
F2: Veio **não**. (V NEG)

(22) F1: Você não sabia que eu vinha?
F2: Sabia **não**. (V NEG)

Examinaremos, a seguir, nossas hipóteses para explicar a estrutura (V NEG) com base no quadro teórico adotado.

6. HIPÓTESES

6.1. Num é similar ao ne do francês

Retomando a proposta que Pollock (1989) fez para o francês, podemos pensar que algo similar ocorre com o *não* do PB, que sendo clítico, se afixa ao verbo e se movimenta

da mesma forma que *ne* do francês para a posição de núcleo de TP, resultando na fórmula [Neg V]. Voltando à análise do PB, o *não/num* do PB se cliticiza ao V e se move para T. Tal como o *ne* do francês, o item *não/num* vai sofrer um apagamento em PF mas em LF o núcleo, contendo os traços do operador de negação, continua a existir forçando a subida de TP para a verificação de traços em PolP. Entendemos que dessa forma estamos respondendo à nossa pergunta 4.2 (como explicar a estrutura [V NEG] no PB).

Por outro lado, como resposta à pergunta de número 4.1 formulada anteriormente (o fenômeno estudado ocorre em outras línguas?), vamos dizer que sim, o fenômeno acontece na língua francesa.

Devemos observar, no entanto, que as duas línguas têm diferenças, enquanto o *ne* do francês perdeu sua capacidade de operador de negação, o seu correspondente *não* do PB continua podendo negar uma sentença, ainda que haja autores que afirmem o contrário. Martins E. (1997), por exemplo, estudando o português falado no Brasil em um dialeto de Minas Gerais, afirma que:

“...that pre-verbal ‘nãõ’, which is fully pronounced when used to negate a sentence alone, is only a remnant of the pre-verbal ‘nãõ’ used in earlier stages of Brazilian Portuguese and which is already used in formal and written language.” (Martins, E., 1997:24)

e:

“the behavior of the phonetically reduced não [num] in spoken Portuguese shows that it has become a negative marker that cannot negate the sentence alone.” (Martins E, 1997:28)

Os argumentos de Martins E. (1997:28) seguem a linha de trabalho anterior de Martins publicado em 1994 para a existência de ΣP , com a diferença que Martins E.(1997) propõe mudança paramétrica dos valores de ΣP de forte para fraco no PB moderno. Essa mudança tem como consequência a dispensa da subida para Sigma, na sintaxe aberta, dos traços negativos para verificação tanto do marcador negativo como do verbo, no caso de sentenças afirmativas.

As observações de Martins E. (1997), igualam o *não* do PB ao *ne* do francês quanto à capacidade de negar uma sentença. Essa proposta é diferente da nossa, que considera a presença de traços de um operador de negação em LF, que atua na verificação de traços em PolP.

6.2. Hipótese 2 – palavras-n → operadores de negação

Já comparamos o *num* do português com o *ne* do francês. Notamos que os casos de apagamento do *não* pré-verbal no PB ocorre na presença das palavras-n nos nossos exemplos (6 a 10). Podemos pensar em uma outra possibilidade, a de que as palavras-n pós-verbais estejam se tornando operadores de negação no PB. Essa possibilidade existe, uma vez que algo similar aconteceu com o *pas* do francês, além de haver outros casos semelhantes registrados na história das línguas (cf. Martins, 1997, e Roberts & Roussou, 1999).

O ciclo de Jespersen (1917) ilustra bem a questão da queda dos operadores de negação, do surgimento de palavras-n e de minimizadores da negação como novos operadores. O autor, através de um estudo detalhado sobre a evolução da negação, demonstrou que em diferentes momentos das línguas os operadores de negação e as palavras-n ocupam diferentes posições na estrutura frasal, orbitando sempre próximo ao verbo, delineando um ciclo: antes do verbo, antes e depois do verbo numa ação de reforço e depois do verbo. Jespersen mostrou o ciclo completo para o latim, o francês, o inglês e o alemão. Abaixo os exemplos citados pelo autor para o francês:

- (23) jeo ne dis(francês antigo, com negação pré-verbal)
- (24) je ne dis pas(francês moderno, com negação reforçada)
- (25) je dis pas(francês coloquial, com negação pós-verbal)

A constatação de Jespersen se sustenta para o PB, uma vez que temos a negação pré-verbal exemplificada em (1); a negação, denominada por ele como ‘de reforço’ como exemplificado em (2, 3 e 4), ou CN na atualidade; e a negação pós-verbal nos exemplos (6 a 10).

Observamos que no PB as três fases do ciclo estão presentes, o que nos leva a pensar na possibilidade de que as línguas possam, de fato, apresentar o ciclo completo concomitantemente, podendo um tipo de negação prevalecer sobre o outro, tendo o uso mais freqüente e mais dominante de um sobre o outro. Mas esse é um assunto para pesquisa futura.

Dentro do modelo adotado, passamos agora para a nossa proposta para dar conta da ocorrência da negação pós-verbal.

6.3. O marcador negativo final do PB, fortíssimo

Nos exemplos abaixo notamos a presença de mais um *não* pós-verbal na estrutura sentencial, provocando a impressão de haver um aumento de itens da negação.

- (26) Não vi nada não.
- (27) Vi nada não.

Como explicar a presença de um item lexical final que parece aumentar a negação no BP? Acreditamos que o *não* final nos exemplos 26 e 27 é de natureza diferente do *não* pré-verbal clítico, por marcar fronteira de sentença, por ter um contorno entoacional decrescente de final de sentença no PB, ao passo que o *não* clítico não denota fronteira, admite um outro clítico à sua direita (*Ex. não me viu*) e tem contorno entoacional crescente, no sentido de que a altura máxima será atingida no verbo.

A presença de um *não*, em posição final na sentença, impede a ocorrência de qualquer outro item lexical à sua direita. Qualquer acréscimo à direita do *não* pós-verbal torna as sentenças agramaticais. Vejamos:

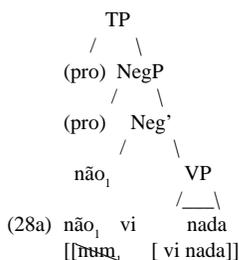
- (20 a) Ela **não** veio **não** (*nada).
 (21 a) F1: Ele veio?
 F2: Veio **não** (*ninguém).
 (22 a) F1: Você não sabia que eu vinha?
 F2: Sabia **não** (*não).

No entanto, os exemplos modificados (20a, 21a e 22a), acima retomados, podem ser aceitos se usarmos, após o *não* final, o recurso de uma pausa na fala, ou uma vírgula na escrita, ambas marcações de fronteira sentencial. Fato que corrobora nossa afirmação quanto à posição final do item.

Vamos nos referir ao *num* clítico, fraco, que sofre apagamento como *não*₁ e ao *não* final, fortíssimo, como *não*₂. Podemos dizer que o PB distingue as duas funções diferentes do *não*₁ e do *não*₂ por suas posições estruturais diferentes.

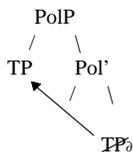
Estamos adotando o Modelo Minimalista (Chomsky, 1993). Na numeração teremos dois itens ‘*não*’. O *não*₁ contém, entre outros, um traço forte, uma vez que a teoria propõe a existência de traços fortes e fracos. Quanto ao operador de negação o PB é considerado uma língua de traços fortes (Zanuttini, 1994).

Através das operações de ‘mover’ e ‘concatenar’ teremos a sentença (28a), abaixo representada, que não está completa, por restar ainda em nossa numeração os traços formais de PolP e do *não*₂. Lembramos que nessa fase o V se desloca para T para verificar seu traço de tempo. Quando o V faz essa passagem o *não*₁ se cliticiza ao V. Importante notar que para uma sentença estar completa, toda a numeração deverá ser zerada.



No exemplo (28^a) temos uma sentença em formação, representada por um TP expelido. Estamos adotando a teoria de múltiplo *Spell-out*³ de Uriagereka (1999). Na numeração temos ainda os traços de PolP e do *não*₂. O TP, que contém um NegP em cujo núcleo o *não*₁ projeta-se, precisa ainda verificar seus traços de polaridade negativa na categoria funcional PolpP, operação que será feita na sintaxe aberta. De acordo com o modelo que estamos seguindo traços fortes motivam movimento na sintaxe aberta. Abaixo a representação arbórea até esse ponto da derivação, em (28b).

³ *Spell-out*: operação que faz a ligação com o componente PF (Chomsky (1995:189; tradução nossa).

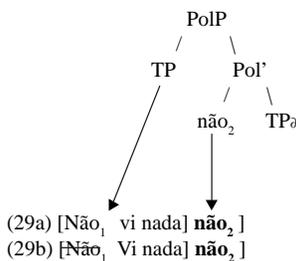


(28b) [[Nã₁ vi nada] [nã_o vi nada]

Enquanto TP é atraído para o Spec (Specifier) de PolP para que haja a verificação de seus traços de polaridade negativa em PolP, os traços do *nã_o*₂ projetam-se diretamente no núcleo de PolP. Temos nessa fase outro *spell-out* e a sentença é perfeita.

Estamos propondo a existência de um *nã_o*₂ fortíssimo no PB, o *nã_o*₂, homófono, que tem traços diferentes do *nã_o*₁, que é átono, reduzido foneticamente e que pode sofrer apagamento. O *nã_o*₂ é tônico, não é clítico, possui traços fortes que serão verificados no núcleo de PolP.

A representação arbórea para (29) está abaixo:



No caso de (29b) a diferença está em que o *nã_o*₁ é apagado em PF, mas continua atuando em LF, como operador nulo de negação. A pergunta: a negação está aumentando no PB, tem resposta nessa proposta, pois estamos afirmando que o PB tem, definitivamente dois *nãos*, um que é clítico, que pode sofrer apagamento, como visto nos exemplos de 6 a 10 e 29b ; e um outro que é fortíssimo, que tem um estatuto próprio, isto é, projeta-se diretamente no núcleo de PolP, como nos exemplos de 29, em posição final da sentença.

Estruturas que, na sintaxe de superfície são diferentes, têm na base, arranjos iguais.

Em (30) e (31) abaixo, seguindo a linha de pensamento que adotamos, podemos afirmar que a negação pós-verbal no PB constitui-se em claro indício de que nos dialetos que admitem essa estrutura o *nã_o*₂ tem traços fortíssimos, mostrando na sintaxe visível um movimento de TP para Spec de PolP, com o *nã_o*₂ ocupando o núcleo de PolP, como explicado acima.

(30) Pegue a criança não.

(31) Não fiz isso nunca não.

O fato de não ser possível colocar nenhum outro item lexical depois do *nã_o*₂ pós-verbal constitui uma prova de que toda a frase se moveu para a esquerda do núcleo de PolP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos, dentro do quadro teórico assumido, uma solução satisfatória para explicar as estruturas [V NEG] no PB, apoiando-nos no posicionamento e movimento de TP para Spec de PolP. A estrutura [V NEG] observada nos exemplos de 6 a 10 e de 20 a 22 mostram que há indícios da existência da dualidade do *não* em PB:

- 1) um operador negativo, pré-verbal, o *não*₁, que em casos de CN pode sofrer apagamento em PF; atuando, porém, em LF como um operador de negação.
- 2) um operador negativo, pós-verbal, o *não*₂, fortíssimo, que se realiza como núcleo de PolP e que ocorre em posição final na sentença.

Por outro lado, considerando-se que a estrutura da negação deve ser sempre marcada por um item lexical, nos casos de apagamento do *não*₁ pré-verbal, pensamos que como conseqüência uma das palavras-n no PB poderá vir a ser um operador de negação, tal como ocorreu com o *pas* do francês. O fato novo é a existência do *não*₂, cuja presença já foi relatada ao longo desse trabalho.

Quanto aos dados consultados do PA e do PE, relatamos que não encontramos a estrutura estudada em tais dados, o que não nos oferece evidência para uma posição clara quanto à existência de [V NEG] no PA e no PE. Não descartamos a possibilidade de que possa haver a estrutura [V NEG] em outros dados a que não tivemos acesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLETTI & Rizzi, L. (1981). "The syntax of *ne*". In: *The Linguistic Review* 1, 117-154.
- _____. (1990). *Generalized Verb Movement*. Turin: Rosenberg and Tellier.
- CALLOU, D. & LOPES, C.R.S. (orgs.) (1994). *Linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio De Janeiro. Faculdade de Letras/UFRJ. (Volumes: Vol. I - Ef; Vol. II – DID, Vol. III -D2).
- CASTILHO, A.T. (1987). *Linguagem Falada Culta Na Cidade de São Paulo: Diálogos Entre Dois Informantes*. São Paulo: Queroz / Fapesp.
- CHOMSKY, N. (1995). *A Minimalist Program*. Cambridge, MIT Press.
- _____. (1994). "Bare phrase structure". In: *MIT Occasional Papers in Linguistics* 5, MIT Press.
- _____. (1993). "A Minimalist Program for Linguistic Theory". In K. Hale and S. J. Keyser (eds.) *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberges*. 1/52, Cambridge, MA: MIT Press.
- _____. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- _____. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. (1996). *A posição sujeito no português brasileiro*. Editora da Unicamp. Campinas.
- JERPERSEN, O. (1917). "Negation in English and other languages". In: *Selected writings of Otto Jerpersen*. London, G. Allen & Unwin Ltd.
- KAYNE, R. (1994). *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: The MIT Press.

FONSECA – Marcador negativo final...

- MARTINS, A. M. (1994). "Aspectos da negação na história das línguas românicas". In: *Actas dos XII encontro nacional da associação portuguesa de lingüística*. Editado por Ivo Castro.
- MARTINS, E.E. (1997). *Sentential Negation in Spoken Brazilian Portuguese*. Dissertação de Mestrado. Georgetown University, USA.
- MIOTO, C. (1991). *Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática*. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, SP, Brasil.
- _____. (1993). "Negação sentencial no PB". In: *Boletim da Abralin*, 14, pp.105-112.
- _____. (1998) "Aspectos da sintaxe da negação". In: *Anais do XXVII GEL*.
- _____. (1998b) "Tipos de negação". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 34, pp.103-117. Campinas, SP, Brasil.
- NEGRÃO E. et alli, (1999). "Itens negativos em corpus do português brasileiro" (ms).
- OUHALLA, J. (1991). *Functional categories and parametric variation*. Routledge. London. UK.
- POLLOCK, J. (1989). "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP". In: *Linguistic Inquiry*, Volume 20, number 3. Summer, pp.365-424.
- ROBERTS I. & ROUSSOU A. (1999). "A formal approach to gramaticalization". In: *Linguistics*, Vol. 37-6 (364) p.1011.
- SCHWEGLER, A. (1990). *Analyticity and syntheticity: A diachronic perspective with special reference to Romance languages*. Berlin, Mouton de Greyter.
- TORRES MORAIS, M. A (2001) . "Aspectos da história da negação no português". In Mattos & Silva, R. V. (org.). Para a história do Português Brasileiro. *Novos Estudos*. Vol. II. Tomo I. SP. Humanitas, pp. 149-203)
- UKRIAGEREKA, J. (1999). "Multiple Spell-Out". In: S. D. Epstein & N. Hornstein (eds). *Working Minimalism*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 251-282.
- ZANUTTINI, R. (1997). *Negation and clausal Structure*. A comparative Study of Romance Languages. Oxford University Press.
- _____. (1994). "Re-examining Negative Clauses". In: *Paths towards Universal Grammar*. Georgetown University.

ANEXO 1

Abreviaturas usadas no trabalho

AgrOP	Agreement phrase
AGRP	Agreement phrase
CN	Concordância Negativa
INFL	Inflection/Phrase
LF	Logical Form
NEG	negation/negação
NegP	Negation phrase
PA	Português antigo
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PF	Phonological Form
PolpP	Polarity phrase
PP	Princípios e Parâmetros
V	Verbo
VP	Verb phrase
TP	Tense phrase